

Como despertar no(a) estudante a curiosidade científica

No manual do professor, sugerimos várias metodologias ativas que podem ser incorporadas ao dia a dia da sala de aula para tornar o aprendizado mais dinâmico e estimulante; porém, se o(a) estudante não estiver aberto(a), interessado(a) ou curioso(a), o aprendizado não irá se concretizar a contento.

Ao confrontamos o mito do unicórnio com a realidade, logo nas primeiras páginas do livro do ano 6, não temos a intenção de desvalorizar o mito e a imaginação, que é um recurso fantástico do ser humano, capaz de entreter, divertir e, por vezes, amenizar as agruras do dia a dia. Neste aspecto, o unicórnio e as histórias de magia que envolvem o mito têm o seu merecido valor.

A ideia desse confronto é desviar o olhar deslumbrado que o estudante tem para o mito, direcionando esse “deslumbramento” para a realidade. Unicórnios mágicos só existem em nossa imaginação, mas em nossa realidade existem animais ainda mais fantásticos do que eles, com “superpoderes” reais como:

- tardígrados que podem sobreviver em condições realmente extremas;
- polvos que podem “pensar” com seus tentáculos;
- águias que conseguem enxergar um ratinho correndo na grama enquanto voam a 5 km de altitude;
- lagostas que possuem olhos com 16 receptores para cores (seres humanos possuem apenas 3) e veem um mundo como jamais conseguiremos imaginar;
- cachorros que salvam pessoas, vítimas de catástrofes naturais, porque conseguem localizá-las em meio aos escombros, com seu olfato apurado e audição.

E não precisamos nos ater aos animais para justificar o deslumbramento com a realidade. Nosso mundo é tão diverso que ainda há espaço para descobrirmos novas espécies como a *Gilbertiodendron maximum*, uma árvore de 45m e 105 toneladas, encontrada pela primeira vez em 2015 na República Democrática do Congo.

Ao voltarmos nossos olhares para o universo, então, as descobertas chegam a ser emocionantes. Telescópios espaciais já são capazes de nos mostrar imagens de galáxias que surgiram há algumas centenas de milhões de anos depois que o universo se formou (o que ocorreu a 13,7 bilhões de anos). Como a luz tem uma velocidade limitada, ao observar objetos distantes, obtemos informações do passado, pois a radiação que vemos, no momento da observação, viajou bilhões de anos para chegar até aqui.

E o que dizer dos Oceanos? Expedições ao ponto mais profundo, a Fossa das Marianas, a 11 034 m de profundidade, têm mostrado que diversas formas de vida foram capazes de superar a ausência de luz, o frio e as pressões colossais para se desenvolver nesse lugar.

Estamos desvendando o genoma das mais diferentes espécies, criamos vacinas em tempo recorde para conter pandemias, as terapias com células-tronco já estão conseguindo restabelecer a visão perdida em casos específicos e já estamos desenvolvendo técnicas para imprimir órgãos artificiais para transplantes.

Paralelamente, criamos e utilizamos corriqueiramente a tecnologia do GPS, usamos diariamente a internet, capaz de nos conectar com qualquer pessoa em praticamente qualquer lugar do mundo e grandes centros de pesquisas utilizam supercomputadores para tomadas de decisões estratégicas.

Os computadores quânticos já são uma realidade e a inteligência artificial, que já é acessível a qualquer pessoa, caminha a passos rápidos ameaçando mudar drasticamente nossa forma de vida, mais uma vez. Por sorte, somos seres altamente adaptáveis. Vivemos imersos em uma realidade absolutamente deslumbrante para a qual muita gente ainda desvia o olhar, preferindo “agarrar-se” aos unicórnios da imaginação.

O que precisamos fazer para mudar esse quadro é tornar a Ciência acessível a essas pessoas. Segundo o astrônomo e divulgador científico Carl Sagan, o cientista é feito de uma mistura de deslumbramento e ceticismo. O deslumbramento que o motiva a querer saber sempre mais sobre a realidade e o ceticismo que não o deixa acreditar em algo que não possa ser testado, comprovado e plenamente justificado.